

Figueiredo considera que *busca exten* **credores já entenderam**

11 JUN 1984

Da sucursal de
BRÁSILIA

O presidente João Figueiredo entende que as manifestações de apreensão reveladas durante a recente reunião dos líderes dos países desenvolvidos, em Londres, são um sinal de que eles já entenderam que o problema dos países devedores deve ser encarado em profundidade pelos credores.

A informação foi prestada, ontem, pelo embaixador da Argentina no Brasil, Hugo Caminos, que não limitou a audiência de despedida do presidente, antes de assumir a Subsecretaria Geral de Assuntos Jurídicos da OEA, a aspectos protocolares.

"Antes de mais nada, eu vim manifestar ao presidente João Figueiredo a minha admiração pelo seu trabalho em prol da abertura política do País e agradecer o espírito amistoso com que ele encarou os problemas da Argentina, em particular no episódio da guerra das Malvinas", afirmou Caminos.

O embaixador argentino revelou que Figueiredo tem mantido sempre contatos telefônicos com o presidente Raul Alfonsín, e disse esperar um encontro entre os dois presidentes antes que Figueiredo deixe o governo, em 15 de março próximo.

PAÍS SÓ GANHA

"Quanto mais a Argentina endurcer, melhor para o Brasil" — afirmou ontem o presidente do Banco Econômico e membro do Conselho Monetário Nacional (CMN), Ângelo Calmon de Sá, a respeito da decisão do governo argentino de tentar mu-

dar o rumo das negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI). "O Brasil só tem a ganhar com a experiência argentina" — reiterou Calmon de Sá.

Embora "sem condições de prever a reação do FMI", o presidente do grupo Econômico ressaltou que a Argentina conta com posição "evidentemente forte", por ser auto-suficiente em petróleo e alimentos, e procura utilizar os pontos favoráveis da sua economia para conseguir "as melhores condições possíveis na renegociação da dívida".

A exemplo do presidente do Banco do Brasil, Oswaldo Colin, Calmon de Sá também não manifestou preocupação com os reflexos das divergências entre a Argentina e o FMI sobre o mercado financeiro internacional. Na opinião do presidente do Banco Econômico, todas as vantagens que a Argentina obtiver serão imediatamente repassadas ao Brasil.

PROTESTO

O ato provocador de Margaret Thatcher na reunião dos países credores, mandando que os países devedores, entre eles o Brasil, se arrumassem como quisessem, é um verdadeiro grito de guerra, disse ontem o deputado Alberto Goldmann (PMDB-SP), acrescentando que depois de nos explorarem por décadas, via investimentos diretos e empréstimos, os representantes do capital internacional tentam nos humilhar aconselhando-nos a entregarmos nossas riquezas e a facilitar a penetração do capital estrangeiro em nossa economia.